



Sisyphus - Journal of Education

ISSN: 2182-8474

ISSN: 2182-9640

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Pimentel, Gabriela Sousa Rêgo; Bomfim, Natanael Reis; Santana, Jeanne Lopes
Redes de Coletivos de Jovens Periféricos e Práticas Socioeducativas
Sisyphus - Journal of Education, vol. 9, núm. 3, 2021, Novembro-Fevereiro, pp. 30-55
Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

DOI: <https://doi.org/10.7440/res64.2018.03>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=575769845003>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em [redalyc.org](https://www.redalyc.org)



Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos académica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

REDES DE COLETIVOS DE JOVENS PERIFÉRICOS E PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS

GABRIELA SOUSA RÊGO PIMENTEL

meg.pimentel@uol.com.br | <https://orcid.org/0000-0002-4278-0573>

NATANAEL REIS BOMFIM

nabom_reis@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-5122-9820>

JEANNE LOPES SANTANA

lsjeanne@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-6425-1584>

Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil

RESUMO

Este estudo qualitativo, de caráter interpretativo/descritivo, teve como objetivo investigar o processo de formação dos coletivos de jovens de periferias urbanas, a fim de desvelar práticas socioeducativas que contribuíssem para o desenvolvimento da Educação em Periferias Urbanas. O estudo foi apoiado pela Teoria e Método das Representações Sociais (Jodelet, 2001; Moscovici, 1961) e na Teoria Social de Rede (Barnes, 1987; Lago Júnior, 2005). A investigação empírica foi desenvolvida com coletivos de jovens periféricos, da cidade de Salvador, Bahia, Brasil e, para tal, aplicamos a entrevista individual, presencial e via celular/*watsapp*, aos líderes e representantes, e complementamos as informações pela rede social *Facebook*. No primeiro momento, essas informações foram tratadas pelo *GEPHI/Cfinder* e analisadas pelo método de redes sociais. Em seguida, a análise de conteúdo do discurso foi realizada (Bardin, 2011) e os resultados apontaram conexões e práticas socioeducativas significativas para o processo formativo desses jovens na Educação em Periferias Urbanas.

PALAVRAS-CHAVE

redes sociais; práticas socioeducativas; periferias urbanas; jovens periféricos; política educativa.



SISYPHUS

JOURNAL OF EDUCATION

VOLUME 9, ISSUE 03,

2021, PP.30-55

DOI: <https://doi.org/10.25749/sis.24898>

CC BY-NC 4.0

NETWORKS OF PERIPHERAL YOUTH COLLECTIVES AND SOCIO- EDUCATIONAL PRACTICE

GABRIELA SOUSA RÊGO PIMENTEL

meg.pimentel@uol.com.br | <https://orcid.org/0000-0002-4278-0573>

NATANAEL REIS BOMFIM

nabom_reis@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-5122-9820>

JEANNE LOPES SANTANA

lsjeanne@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-6425-1584>

Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, Brazil

ABSTRACT

This qualitative, interpretative/descriptive study aimed to investigate the process of formation of youth groups from urban peripheries, in order to unveil socio-educational practices that contribute to the development of Education in Urban Outskirts. The study was supported by the Theory and Method of Social Representations (Jodelet, 2001; Moscovici, 1961) and by the Social Network Theory (Barnes, 1987; Lago Júnior, 2005). The empirical investigation was carried out with 10 groups of peripheral youths, from the city of Salvador, Bahia, Brazil and, to this end, we use the snowball sampling technique, where we apply individual interviews, in person and via cell phone/whatsapp, to leaders and representatives and complement information on the social network Facebook. At first, this information was treated by GEPHI/Cfinder and analyzed using the social networks method. Then, content analysis of the discourse was carried out using the Bardin method (2011) and the results pointed out connections and significant socio-educational practices for the formative process of these young people in Education in Urban Outskirts.

KEY WORDS

social networks; socio-educational practices; urban peripheries; peripheral youth; educational policy.



SISYPHUS

JOURNAL OF EDUCATION

VOLUME 9, ISSUE 03,

2021, PP.30-55

DOI: <https://doi.org/10.25749/sis.24898>

CC BY-NC 4.0

REDES DE COLECTIVOS DE JÓVENES PERIFÉRICOS Y PRÁCTICAS SOCIOEDUCATIVAS

GABRIELA SOUSA RÊGO PIMENTEL

meg.pimentel@uol.com.br | <https://orcid.org/0000-0002-4278-0573>

NATANAEL REIS BOMFIM

nabom_reis@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-5122-9820>

JEANNE LOPES SANTANA

lsjeanne@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-6425-1584>

Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil

RESUMEN

Este estudio cualitativo, interpretativo / descriptivo, tuvo como objetivo investigar el proceso de formación de grupos de jóvenes de la periferia urbana, con el fin de desvelar prácticas socioeducativas que contribuyan al desarrollo de la Educación en la Periferia Urbana. El estudio fue apoyado por la Teoría y Método de las Representaciones Sociales (Jodelet, 2001; Moscovici, 1961) y por la Teoría de las Redes Sociales (Barnes, 1987; Lago Júnior, 2005). La investigación empírica se realizó con 10 grupos de jóvenes periféricos, de la ciudad de Salvador, Bahia, Brasi y para ello, utilizamos la técnica de muestreo de bola de nieve, donde aplicamos entrevistas individuales, en persona y vía celular / wathsapp, a líderes y representantes y complementamos la información en la red social Facebook. En un principio, esta información fue tratada por GEPHI / Cfinder y analizada mediante el método de las redes sociales. Luego, se realizó el análisis del contenido del discurso mediante el método Bardin (2011) y los resultados señalaron conexiones y prácticas socioeducativas significativas para el proceso formativo de estos jóvenes en Educación en Periferia Urbana.

PALABRAS CLAVE

redes sociales; prácticas socioeducativas; periferias urbanas; juventud periférica; política educativa.



SISYPHUS

JOURNAL OF EDUCATION

VOLUME 9, ISSUE 03,

2021, PP.30-55

DOI: <https://doi.org/10.25749/sis.24898>

CC BY-NC 4.0

Redes de Coletivos de Jovens Periféricos e Práticas Socioeducativas

Gabriela Sousa Rêgo Pimentel¹, Natanael Reis Bomfim, Jeanne Lopes Santana

INTRODUÇÃO

O estudo foi realizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia, Brasil, e teve como objetivo geral investigar o processo de formação dos coletivos de jovens da periferia urbana, a fim de desvelar práticas socioeducativas que contribuíssem para o desenvolvimento da Educação em Periferias Urbanas. Ele se ancora na Teoria e Método das Representações Sociais (Jodelet, 2001; Moscovici, 1961) e na Teoria Social de Rede (Barnes, 1987; Lago Júnior, 2005), quando explicam as construções sociossimbólicas e as significações sociais como formas de elaboração de representações sociais de sujeitos e grupos. Esse constructo, para além de outras funções, serve como instrumentação do saber conferindo-lhe um valor funcional para a interpretação e gestão do espaço social e para orientar práticas sociais e educativas. Nessa perspectiva, as relações sociais integradas se estabelecem entre os atores de um ou mais grupo e definem redes sociais como “processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias” (Barnes, 1987, p. 163).

Nessa fundamentação teórica, a alteridade é essencial para a produção do espaço social, onde os coletivos de jovens podem ser caracterizados como vivido, percebido e concebido na dinâmica das práticas sociais no espaço, pela conjunção-disjunção como ruptura com a centralidade (Lefebvre, 2008). Assim, para pensar o conceito de coletivo de jovens, partimos da referência aos conceitos de prática de Veyne (1982), entendida como uma correlação com o objeto, ele não existiria antes dela, logo sociedades e indivíduos são objetos históricos, dependentes das múltiplas práticas estabelecidas em diversos períodos. Isto significa dizer que não se pode confundir o coletivo com o social. Nessa lógica a organização social ganha sentido no conceito de rizoma que não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo* (Deleuze & Guattari, 1995, p. 37). Pode-se afirmar, segundo Latour (1994), que a rede seria a versão empírica do rizoma, onde toda entidade é efeito de um processo de composições e associações, cuja totalização é somente aparente ou transitória: “A identidade das entidades [híbridas] resulta de interações em curso e evolui com estas” (Callon & Law, 1997, p. 104).

Pelo exposto, definimos o conceito de coletivo de jovens, como um grupo social organizado, sistematizado, onde experiências vividas são guiadas pela necessidade dos sujeitos e pelo desejo comum de realizar algo ou alguma coisa. O significante “Jovens”², atribuído ao conceito, ganha significado quando considerado como um agente influenciador que pode contribuir como catalizador de uma cultura política de grupo. Nesse sentido, é perceptível que, ao mesmo tempo, os/as jovens se encontrem transversalizados pelas mudanças sociais e, também, se coloquem como protagonistas

1 Rua General Braulio Guimaraes, 580, ap 1103, Jardim Armação, Salvador, Bahia, Brasil, CEP 41750-000.

2 O interesse da palavra no plural consiste na importância de identificar os sujeitos enquanto coletivos ou grupos sociais identificados em suas práticas cotidianas e não enquanto indivíduos isolados da realidade vivida em sociedade.



das suas próprias histórias, contribuindo para essas transformações. Em síntese, inferimos que os/as jovens de periferias urbanas sentem, pensam, se articulam em redes sociais e desenvolvem práticas sociais em diversos espaços educativos. Essas práticas podem fortalecer suas identidades, justificar o tipo de relação que eles estabelecem com diversos grupos e subgrupos sociais e, conseqüentemente, contribuir com a Educação em Periferias Urbanas.

No contexto da Salvador/Bahia/Brasil, as comunidades periféricas estão inseridas nos aglomerados subnormais³, caracterizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Ibge, 2010) como áreas de ocupação desordenada e grande desigualdade social. O Censo Ibge (2010) revelou que, de acordo com a idade, a população da Cidade do Salvador distribuiu-se de forma que as crianças e adolescentes (0 a 14 anos) somaram 21% da população, sendo eles 24% da população dos aglomerados subnormais. Os jovens (15 a 29 anos) representam 28% da população; a de adulto 42% e a de idosos acima de 60 anos soma 9%. Enquanto que nos aglomerados subnormais, o percentual da população de jovens, adulta e idosa é, respectivamente, de 29%, 40% e 7%.

Neste cenário insere-se o Subúrbio Ferroviário de Salvador (Figura 1) que é composto por dezoito quilômetros de praias da Baía de Todos os Santos, que margeiam os 15 (quinze) bairros (dentre eles, três ilhas). O mais populoso é Paripe (55 mil hab.), seguido de Periperi (47 mil hab.) e Plataforma (34 mil hab.). As localidades menos populosas na região são as ilhas dos Frades (733 hab.), de Bom Jesus dos Passos (1 465 hab.) e de Maré (4236 hab.).

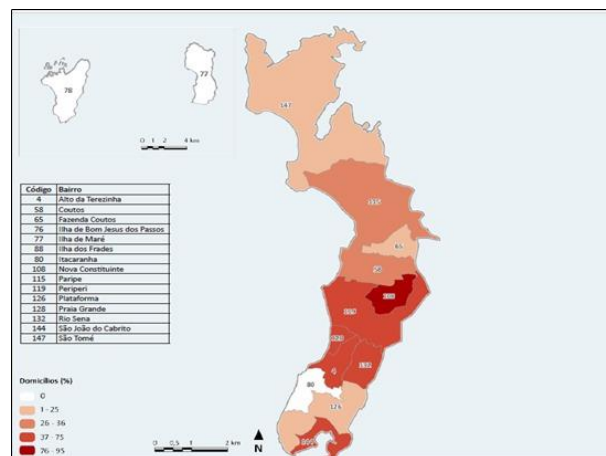


Figura 1. Mapa do Subúrbio Ferroviário de Salvador e os Aglomerados Subnormais (Ibge, 2010).

Historicamente, a presença da indústria próxima à linha férrea possibilitava a diminuição dos custos de produção, tendo em vista que o transporte era barato e a mão de obra, abundante. Surgia, assim, uma área industrial constituída de lugar de produção e lugar de residência. Esses fatores, aliados à presença de oficinas e fábricas da Leste e das antigas fazendas já existentes na área suburbana, foram os principais elementos que se articularam para delinear, a partir do século passado, os núcleos que hoje representam os bairros desse subúrbio. Ainda que na falta de dados precisos

3 O IBGE (2010) define aglomerado subnormal como um conjunto de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas, etc.) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e/ou densa.

sobre as ocupações informais configuradas como urbanas, estima-se que as grandes capitais abrigam 60% da sua população.

Nesse contexto, na maioria das vezes, as reportagens midiáticas apresentam os/as jovens da periferia incluídos/as como sujeitos perigosos, “gangues de rua” ou mentores de crimes. Nesse sentido, eles são alvos da discriminação, pelo modo como se comportam, vestem, falam, formam seus grupos. As notícias sobre a violência no subúrbio da Cidade de Salvador levam o leitor a criar estereótipos e analogias equivocadas sobre a tríade pobreza-periferia-violência. Entretanto, a pobreza não é o fator único para relacionar a violência ao crime e aos jovens. Nesse caso, pesquisas tanto no âmbito internacional, nacional, como local, têm levantado uma discussão sobre a participação social de jovens no âmbito da sociedade civil.

No Brasil e no mundo, os debates científicos e sociais, em torno da problemática do jovem e sua imagem, preocupam a sociedade (Abramo, 2005; Novaes, 2009; Sposito, Almeida, & Corrochano, 2020), pois além de meros habitantes das periferias, o olhar sobre os/as jovens como sujeitos sociais, que constroem um determinado modo de ser, demanda estudos emergenciais que busquem entender os desdobramentos de movimentos e coletivos de jovens, mobilizados e construídos em periferias urbanas, para estruturação de políticas públicas para as juventudes (Pais, 2003). Nessa linha de investigação, por exemplo, os estudos de Aderaldo e Raposo (2016, p. 283) têm demonstrado que os jovens vinculados aos territórios de exclusão social ganharam projeção pública, por meio da sua associação à criminalidade. Já o estudo exploratório de Santana (2020, realizado no subúrbio de Plataforma (Salvador/Bahia/Brasil), constatou a existência de grupos de jovens que desenvolvem ações socioeducativas em teatro e dança, traduzidas como artísticas e definidas por Santana (2020) como práticas que se inserem nas multilinguagens⁴.

Em resumo se, por um lado, têm sido objeto de problematização no campo do desvio e da marginalidade, por outro lado também, graças à popularização do acesso aos meios digitais, à aprendizagem informal da manipulação e acesso das ferramentas e recursos tecnológicos, esses jovens se mobilizam em torno de expressões culturais que apontam para questões centrais na sociedade contemporânea.

REVISÃO DE LITERATURA E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Em busca do aprofundamento dessa problemática, recorreremos ao banco de dados do *Google Acadêmico*, para a realização da pesquisa bibliográfica que contemplou as seguintes categorias de análise: “coletivos de jovens”, “redes” “prática socioeducativas” e “espaços educativos”. O planejamento de busca seguiu as seguintes etapas e filtros: 1) artigos período de 2013 a 2020; 2) grande área de conhecimento em Ciências Humanas; 3) área de conhecimento em Educação e, 4) finalmente por regiões do mundo. Após a utilização do filtro, registramos 17 (dezessete) estudos distribuídos entre Europa e América Latina e,

4 Segundo Rojo e Moura (2012), a diversidade de mídias, de linguagens e de culturas introduzidas pelas novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, emergentes da sociedade contemporânea, propiciaram o desenvolvimento do conceito de multilinguagem como um desdobramento do conceito de multiletramentos que vai além das noções de letramento e de letramentos múltiplos. Então, a multiplicidade de culturas e de canais de comunicação que cercam os e as jovens, lhes possibilitam participar de forma ativa das esferas pública e privada, seja no aspecto pessoal ou profissional.



especificamente, Portugal, França e Brasil apresentam produções que mais se aproximam da temática em questão, nos campos da Sociologia, Psicologia e Educação.

Dos seis estudos encontrados na Europa, destacamos um na França onde Damico (2013) analisou formas de agenciamento da juventude através de práticas esportivas em Grigny Centre, no subúrbio de Paris. Os materiais analisados na perspectiva da cultura apontaram que a juventude pobre na periferia de Paris utiliza o esporte e lazer para prescrever normas e representações de condutas juvenis consideradas adequadas.

Dos cinco de Portugal, Campos e Vaz (2013) estudaram o circuito musical africano que focaliza, principalmente, o *rap* e *graffiti* como formas de expressão identitária de jovens afrodescendentes, nos bairros suburbanos da Cova da Moura (concelho da Amadora), do Talude Militar (concelho de Loures), Arentella (concelho do Seixas), Reboleira (concelho da Amadora) e Seis de Maio (Concelho da Amadora).

Raposo e Varela (2017, p. 10) analisaram os estigmas sobre as juventudes nos bairros periféricos de Lisboa e afirmaram que esse processo discriminatório também atingiu os/as jovens dos subúrbios lisboetas na década de 1990, sustentada por inúmeras notícias midiáticas através da “equação pobreza-negritude-violência-bairros”.

Varela, Raposo e Ferro (2020), a partir de uma pesquisa etnográfica realizada no bairro da Cova da Moura e noutros lugares do circuito musical africano da Amadora, investigaram as redes de sociabilidade, identidades e trocas geracionais, protagonizadas por jovens imigrantes cabo-verdianos. Eles concluíram que as sociabilidades e as trocas culturais entre artistas de várias gerações, se estabelecem, muitas vezes, pela partilha de saberes relacionados com os usos das novas tecnologias e com a aprendizagem de instrumentos musicais.

Raposo, Alves, Varela e Roldão (2019) discutiram a relação entre processos mais amplos de racialização e criminalização do território, brutalidade policial e racismo institucional, na Cova Moura, e concluíram que os bairros racializados da periferia constituem um *locus* privilegiado para entender o modo como o Estado produz e gere as suas margens.

Finalizando, Silva, Correia e Malheiros (2020) nos seus estudos, que apesar de serem degradados, com elevado índice de violência, estes bairros acolhem migrantes de primeira e segunda geração que revelam aspectos culturais de matriz africana com elemento luso. Tratam-se, ainda, de lugares de engenho e criatividade, onde o português e o crioulo se misturam na língua falada nas ruas.

Na América Latina, mais concretamente no Brasil, evidenciamos seis trabalhos. Martins (2017) investigou as experiências, relações sociais e seus significados, entre jovens que atuavam em uma ocupação urbana na cidade de Belo Horizonte. Os resultados revelaram, entre outros aspectos, que a militância na ocupação por meio da Frente de Juventude constituía-se em um espaço socializador e com grande potencial formativo.

Pinheiro (2020), pelas narrativas e observação de práticas culturais produzidas pelos/pelas jovens de bairros periféricos de Porto Alegre, analisou as condições de trabalho para discutir tomadas de posições na produção de alternativas laborais associadas. Assim, programas de integralização da educação, inicialmente experienciados como suportes, são convertidos em campo de ação mediante agenciamentos operados pelos/pelas jovens.

Garrido (2020), no Subúrbio Ferroviário de Salvador/Bahia, investigou as representações sociais de jovens sobre o “futuro” e os resultados apontaram para a evidência de uma significação tecida por redes de compartilhamento que permitem ações concomitantes de saberes e conhecimentos em suas práticas cotidianas.

Nos coletivos investigados por Bomfim e Santana (2020), sobre o mapeamento dos coletivos de jovens no Subúrbio Ferroviário de Salvador/Bahia, os resultados apontam para uma teia de conexões/relações sociais intra e inter coletivos e com vários projetos socioeducativos desenvolvidos por esses sujeitos.

Sobre os estudos comparativos entre Portugal e Brasil, encontramos cinco estudos. Martins (2012), a partir dos membros da Zulu Nation Portugal (Lisboa, Portugal - fundada por brasileiros) e da Associação Posse Hausa (São Paulo, Brasil), investigou as associações juvenis na contemporaneidade, a fim de discutir sobre cena urbana atual e as políticas públicas dirigidas aos jovens. Logo, esses membros expressam as saídas para os diversos conflitos presentes no cotidiano e os diversos elementos que influenciam na constituição das identidades partilhadas.

Raposo (2015), comparando os modos criativos de jovens da Favela da Maré (Rio de Janeiro) e de Arrentela (subúrbio de Lisboa), constatou que ambos os grupos se apoiariam da “cultura *hip-hop*” para fazerem-se visíveis e questionarem as noções dominantes do seu lugar social, contribuindo na construção de novos significados sobre a sua identidade enquanto jovens pobres e negros.

Aderaldo e Raposo (2016) analisaram o modo pelo qual dois coletivos de *rappers* e realizadores de audiovisuais, vinculados nas regiões periféricas de Lisboa e São Paulo, se utilizam de uma variedade de ferramentas comunicativas, tanto nos espaços urbanos, quanto no ciberespaço. Na interface das esferas *on e off-line*, concluem que esses/essas jovens se esforçam para expandir suas redes e superar a escassez de certos recursos materiais, econômicos e simbólicos.

E, finalmente, Raposo e Aderaldo (2019), pelo acompanhamento etnográfico das práticas culturais de jovens das periferias de São Paulo e Lisboa, discutiram os modelos de política pública e analisaram seus impactos no fomento da capacidade associativa dessa juventude.

Para aprofundar a nossa revisão de literatura, buscamos o trabalho de Sposito, Almeida e Corrochano (2020) que analisaram textos elaborados entre 2006 e 2018, sobre jovens como atores coletivos e suas ações na esfera público-política. Assim, verificam as tendências da pesquisa que apontaram para as modalidades de prática, em três eixos: aquelas derivadas da condição estudantil; as que incidem sobre as culturas juvenis; e os movimentos de ação direta, ao lado dos associativismos de base territorial e de mobilizações a partir das identidades.

Sistematizando, dos estudos investigados em Portugal, França e Brasil, a maioria busca de forma pontual, no campo da Sociologia, ou da Psicologia ou da Educação, analisar ou discutir sobre as juventudes e suas práticas culturais, como fortalecimento de identidades ou agenciamento de políticas públicas voltadas para jovens de periferias urbanas. Entretanto, são raros aqueles que articulam, de forma interdisciplinar, a formação ou conexão de redes de coletivos de jovens com suas práticas sociais, sejam culturais ou educativas. Nesse sentido, pela revisão de literatura do período de 2006 a 2020, em ambos os países (Brasil e Portugal) e dos três eixos apresentados por Sposito, Almeida e Corrochano (2020), a nossa temática se diferencia quando se insere numa aglutinação entre o segundo e terceiro, na tentativa de se fazer avançar as pesquisas.

Para além disso, percebemos que do ponto de vista teórico-metodológico, são raros os trabalhos que se utilizam da ancoragem entre a análise das representações sociais com redes sociais. Portanto, discutir sobre formação de redes, características e sua estrutura, como constituídas pelos/pelas jovens de periferias urbanas, pode contribuir para orientação/promoção de práticas sociais em diversos espaços educativos. Isto implica evocar as relações sociais, culturais, educativas como mediadoras de um processo de ressignificação de jovens, nos espaços sociais de



exclusão, como forma de disponibilizar ferramentas e instrumentos importantes para educadores e gestores responsáveis por políticas públicas na área de educação, cultura e juventude (Garrido, 2020).

Pelo exposto, urge a necessidade de investigação teórica e empírica que busque analisar como esses coletivos de jovens se comunicam em rede, disseminam conteúdos que estimulam táticas e estilos de vida, e desenvolvem tendências nas práticas socioeducativas que contribuam com a Educação em Periferias Urbanas. Por conseguinte, uma questão guiou nossa pesquisa: No Subúrbio Ferroviário de Salvador/Bahia, como os coletivos de jovens se formam para promoção de práticas socioeducativas? Para tal, os objetivos específicos do estudo buscaram mapear e analisar as características estruturais das redes sociais formadas pelos coletivos de jovens, e interpretar o processo formativo das redes sociais, a fim de apreender as práticas sociais desenvolvidas nos espaços educativos. Para responder essas questões e atender ao objetivo do estudo, buscou-se a Teoria e Método das Representações Sociais ancorada com a Teoria Social de Redes e o método de Análise de Redes Sociais, pois esse enlace nos remete a uma relação indivíduo/sociedade para entender o social, o todo, como processo.

ENLACE TEÓRICO E METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO

A teoria e o método das representações sociais têm possibilitado novas percepções sobre os sujeitos e suas vivências. Além da rede de relações sociais, ambientais, culturais que envolvem a sua trajetória de vida como um todo, considerando sempre esses os caminhos para melhor compreender o mundo, Moscovici (2015, p. 21) define as representações sociais como um “sistema de valores, ideias e práticas construídos socialmente, por meio dos quais indivíduos e comunidades estabelecem uma ordem para se orientarem no mundo material e social e controlá-lo”.

Para Jodelet (2001), elas designam um fenômeno de produção dinâmica, cotidiana e informal de conhecimento, um saber de senso comum de caráter eminentemente prático e orientado para a comunicação, a compreensão ou o domínio do ambiente social, material e ideal de um determinado grupo. Desse modo, as representações sociais emergem como processo que ao mesmo tempo desafia, reproduz, repete e supera um movimento de formação da vida social e de uma comunidade, tendo uma dinâmica que perpassa a estrutura social condicionando a nossa visão de mundo e sendo por ela condicionada, numa relação profundamente dialética e dialógica.

Nessa linha de pensamento teórico, entendemos que alguma coisa (objeto) é sempre socialmente representada por alguém (sujeito). Logo é uma teoria do senso comum, uma forma de “saber prático” que liga o sujeito a um objeto (natureza social, material ou ideal) a partir das relações em suas práticas sociais. Então, teoricamente, compreender os significados e sentidos que os/as jovens atribuem às suas redes sociais, implica em revelar imagens, como constructos simbólicos, que nos possibilitem identificar sujeitos/elementos (nós) e outras conexões/relações nos coletivos, capazes de fortalecer identidades e orientar práticas socioeducativas em diversos espaços educativos das periferias urbanas. Assim, pela ancoragem é possível verificar como os/as jovens aliam elementos estranhos de suas redes àqueles que lhe são familiares e, pelo processo de objetivação, acreditamos que eles organizam os elementos constituintes de suas representações por meio de percursos que permitam a sua materialidade.

No enlace com a Teoria Social de Rede, Barnes (1987, p. 163) define redes sociais como “processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias”. Essa ideia é associada à abordagem processual, quando as representações sociais são consideradas como princípios que organizam as práticas sociais, as relações simbólicas e as pessoas, frente a objetos sociais que as perpassam (Jodelet, 2001; Moscovici, 1961).

Como recurso de análise, Barnes (1987) institui a ideia de redes sociais numa perspectiva sociocêntrica, onde os membros da sociedade ou parte dela estão imersos. Ele parte da ideia de metáfora apresentada por Radcliffe-Brown (1973) para ser utilizada de forma metodológica nos estudos operacionais, com ênfase nas relações sociais, enquanto uma ferramenta de análise dos relacionamentos entre as pessoas, seus elos pessoais e as organizações do contexto em que elas se inserem. Logo, Barnes ressalta em sua proposta que

alguns dos critérios de análise: tamanho da rede, ou seja, o número de unidades na rede; atenção dada aos efeitos em “A” da relação entre “B” e “C”; se o estudo é sobre questões relacionadas a contatos indiretos ou a categorias / questões individuais. (1972, p. 3)

Complementando com os estudos de Lago Júnior (2005), podemos ainda utilizar outros critérios estruturais como: identificação dos atores sociais (como um nó), suas ligações ou representações gráficas de linhas que conectam os pontos (atores). As ligações entre dois atores ou mais podem nos permitir aferir o tamanho, definido pela quantidade de conexões existentes entre os atores de uma rede. Segundo ele, ainda na estrutura podemos identificar posição hierárquica, localização, afinidade, idade, escolaridade, sexo. Por sua vez, a densidade ou a potencialidade pode ser verificada pelo resultado entre o número de ligações existentes ou possíveis, permeada pelo fluxo de informações. Finalmente, é possível identificar pela distância, em relação a sua localização, a coesão existente entre os atores sociais de uma rede social.

Teoricamente, para mapear os coletivos de jovens, estruturar e caracterizar suas redes sociais, duas abordagens fizeram-se necessárias: a processual e estrutural; onde utilizamos os processos de ancoragem e objetivação, para desvelar saberes como orientadores de condutas e práticas sociais. Assim, enlaçamos a abordagem estrutural das representações sociais à análise social de redes, a fim de ultrapassar os limites colocados para o uso analítico de redes em “nós” (pessoas) e relacionamentos entre elas em “linhas” ou “elos”.

Portanto, no campo da Educação e da Psicologia Social, possivelmente, a construção social da realidade de jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador se manifesta pelos saberes e práticas do cotidiano. Essa construção, enquanto processo, alicerça as representações sociais pela comunicação e interação social que, por sua vez, evidenciam informações, organizadas e partilhadas coletivamente, revelando imagens que determinam o seu campo e guiam a ação social.



PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa foi qualitativa de caráter interpretativo/descritivo e buscou compreender a realidade social construída pelos atores/participantes (Minayo, 2001). A abordagem foi do tipo exploratória, quando os resultados contribuíram para o avanço das pesquisas sobre a temática: formação de coletivos de jovens e práticas socioeducativas em periferias urbanas.

Após a abordagem metodológica privilegiada, descrevemos detalhadamente o percurso metodológico da investigação (Figura 2): a escolha e justificativa do *locus* da pesquisa, a constituição e as características dos sujeitos/participantes, os dispositivos de colheita e os métodos e técnicas de análise dos dados recolhidos.

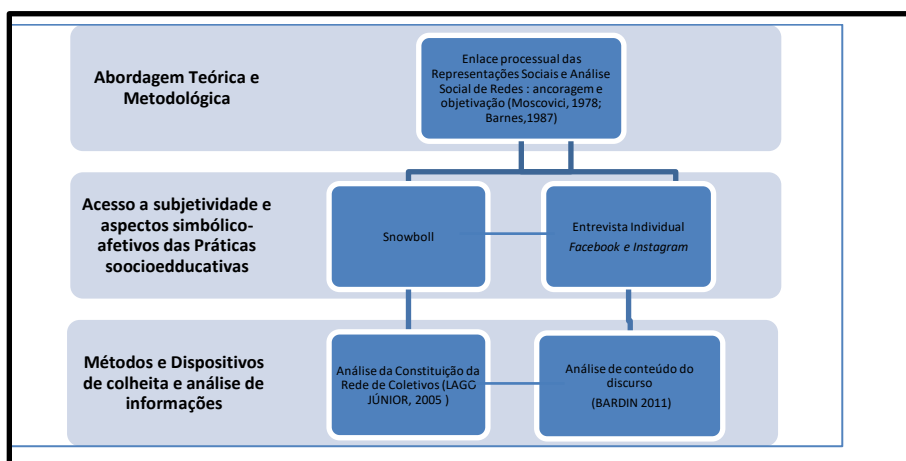


Figura 2. Percurso metodológico da investigação (elaboração dos autores, 2021).

A investigação empírica foi realizada em duas etapas. A primeira foi desenvolvida em dois momentos, com a finalidade de mapear e analisar as características estruturais das redes sociais formadas pelos coletivos de jovens e interpretar o processo formativo das redes sociais. Em seguida buscamos apreender as práticas sociais desenvolvidas nos espaços educativos para o desenvolvimento de Educação em Periferias Urbanas.

Inicialmente, em 2019, nos quatro bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador e dentro da população geral, localizamos o perfil necessário para a investigação, deu-se o contato com as pessoas consideradas como sementes: líderes ou representantes dos coletivos, maiores de 18 anos e que aceitaram espontaneamente participar do estudo. Encontramos um coletivo e um projeto social em cada bairro (Paripe, Periperi, Plataforma e Lobato) e pela técnica da amostragem em *snowball sampling* (Biernarcki & Waldorf, 2018) ou “bola de neve”, aplicamos uma entrevista presencial, com dez questões (ver Apêndice).

No segundo momento, em 2020, considerando o distanciamento social durante a pandemia do SARS-CoV2, os contatos foram feitos por telefone/*WhatsApp* e a entrevista gravada foi realizada aos outros informantes em potencial. Aos mesmos lhes foi solicitado, para além de outras questões, que indicassem outros contatos com características desejadas, a partir de sua própria rede social. Sucessivamente, a rede foi crescendo a cada entrevista e encerrada quando não houveram novos nomes e as informações foram saturadas.

O conteúdo da entrevista foi tratado pelo software *Statistical Package For The Social Science (SPSS)* e analisado estatisticamente pela frequência simples e percentual. Para análise específica da formação e articulação em redes dos coletivos, as informações recolhidas foram tratadas pelo GEPHI/Cfinder, pois é um software de código aberto distribuído sob a licença dupla CDDL 1.0 e GNU General Public License v3, disponível em Java para Windows. Em seguida, o conteúdo tratado foi analisado pelo método de redes sociais (ARS) e pela análise do conteúdo de Bardin (2011).

Na segunda etapa, como forma de complementar a nossa colheita de informações, optamos pela rede social *Facebook* que auxiliou na ampliação do mapeamento e na análise do processo de formação de redes (Figura 3).

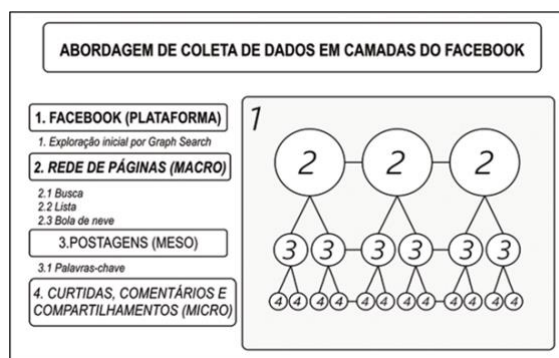


Figura 3. Diferentes níveis de arquitetura de informações do Facebook (Silva, 2016).

Em relação ao *Facebook*, analisamos a construção de uma rede, a partir de *curtidas* de páginas de uma temática específica e em comum. Uma rede de *curtidas* de páginas forma uma rede direcionada entre páginas que *curtiram* outras. Com essa técnica, foi possível extrair diversas informações, tais como: Ranking das principais páginas do segmento; as mais influentes, utilizando diferentes métricas de análise de redes; e as de maior audiência, observando o número de fãs que as páginas possuem; ranking das principais páginas de outros segmentos, com a rede.

MAPEANDO E DESVELANDO “NÓS” E “ELOS” QUE CONECTAM OS JOVENS PERIFÉRICOS DO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR

A pesquisa realizada por meio de entrevistas presenciais e por meio do celular/WhatsApp, junto aos líderes dos coletivos, nos permitiram evocar e materializar a fala do total de dez participantes. Em seguida, após a análise por abordagem em camadas no *Facebook*, conseguimos ampliar para 30 coletivos distribuídos em vários bairros do subúrbio Ferroviário de Salvador (Tabela 1).



Tabela 1

Mapeamento ampliado dos coletivos de jovens e ações educativas no Subúrbio Ferroviário de Salvador

Nº	Coletivo	Localização	Multilinguagens	Quant.
01	New Black (swing baiano)	Plataforma	Dança	15
02	Ns Crew (break)	Plataforma	Dança	09
03	Real gang'z (break)	Plataforma	Dança	15
04	Crew Hot Break (break)	Plataforma	Dança	05
05	Reforma Cia de Dança	Plataforma	Dança	06
06	Salt Jazz (Stilleto) –	Plataforma	Dança/Performance	16
07	Herdeiros de Angola	Plataforma	Dança/Teatro	45
08	Conect Dance	Plataforma	Dança	15
09	Projeto Sim	Plataforma	Teatro	30
10	Star Black	Plataforma	Teatro	06
11	Dudu Odara	Plataforma	Teatro	10
12	Esquadrão	Plataforma	Teatro	05
13	Teatril	Plataforma	Teatro	08
14	Jovens Perifericos	Plataforma	Teatro	35
15	Club da lulu	Plataforma	Teatro	11
16	A Rua	Plataforma	Teatro	03
17	Cumming	Plataforma	Teatro	16
18	FCP Company	Plataforma	Teatro	16
19	Cutucar	Periperi	Teatro	33
20	Ruásia	Plataforma	Teatro	100
21	Coletivo Incomode	Paripe	Teatro	23
22	Produtores do Subúrbio	Alto do Cabrito	Teatro	15
23	MCPS	Lobato	Teatro	06
24	Centro Cultural Mamulengo	São T. de Paripe	Teatro	04
25	Jovens Periféricos	Fazenda Coutos	Teatro	07
26	Fous Modas Produções	Plataforma	Teatro	09
27	Marias Suburbanas	Plataforma	Teatro	13
28	Coletivo Cabeça	Paripe	Teatro	14
29	Sarau do Cabrito	Alto do Cabrito	Teatro	12
30	Os Enclacados	Plataforma	Teatro	10
TOTAL				512

Fonte: Pesquisa de campo (2020)

Em uma análise mais aprofundada do conteúdo da entrevista e das camadas no *Facebook*, conseguimos agrupar as seguintes categorias: número de coletivos, por período de criação, localização, número de participantes e suas ações educativas (Tabela 2).

Tabela 2

Distribuição dos coletivos: localização, número de participantes e ações educativas

Nº de Coletivos	Período de Criação	Localização	Quant.	Ações Educativas
01	2018 a 2020	Lobato	06	Teatro
02	2018 a 2020	Alto do Cabrito	27	Teatro
01	2018 a 2020	Fazenda Coutos	07	Teatro
01	2016 a 2020	Periperi	33	Teatro
02	2016 a 2020	Paripe	37	Linguagens artísticas como a fotografia, literatura e performances
01	2016 a 2020	São T. Paripe	04	Teatro
22	2014 a 2020	Plataforma	398	Linguagens artísticas como a fotografia, literatura, performance e dança
30			512	

Fonte: Pesquisa de campo (2020)



Os coletivos mapeados se formaram entre o período de 2014 a 2018, onde aqueles com o maior número de integrantes se localizam nos Bairros do Subúrbio de Plataforma (398), seguido por Paripe (37), Periperi (33) e Alto do Cabrito (27). Aqueles com os menores números se localizam respectivamente nos bairros do Lobato (06), Coutos (07) e São Tomé de Paripe (04) e praticam ações educativas que se inserem nas multilinguagens, tais como: teatro, dança, linguagens artísticas como a fotografia, literatura e performances.

Constatamos que o processo de formação da maioria dos grupos acontece pela interação e inquietação dos participantes em produzir arte e educação com os moradores das comunidades, numa perspectiva de fazer algo que evidenciasse a periferia. Nesse processo, segundo os/as jovens, a rede vai se ampliando na medida em que um ator social, ou mais, se apresenta ou se apresentam, convida ou convidam outros, numa oportunidade de organização de seus próprios grupos. Por unanimidade os objetivos da formação desses coletivos gravitam em torno de contribuir para o fortalecimento da identidade cultural, social e educativa, integrar a comunidade, educar e fazer com que a periferia e os jovens sejam vistos de outra forma, sem preconceitos.

Dos 30 coletivos informados, mapeados e formados, 22 que se localizam em Plataforma são os mais antigos. Desses, quatro com uma média de quatro anos estão localizados em Periperi, Paripe e São Tomé de Paripe e quatro com uma média de dois anos estão localizados nos bairros de Lobato, Alto do Cabrito e Fazenda Coutos (Figura 4).



Figura 4. Localização dos coletivos de jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador (Santana, 2020).

Em síntese, dos 15 bairros que constituem o Subúrbio Ferroviário de Salvador, a leitura interpretativa dos dados informados pelos participantes indicou que os coletivos com maior número de jovens se localizam nos bairros mais populosos: Paripe (55 mil hab.), Periperi (47 mil hab.) e Plataforma (34 mil hab.).



CARACTERÍSTICAS E ESTRUTURA DAS REDES SOCIAIS FORMADAS PELOS COLETIVOS DE JOVENS

Nessa etapa do estudo, os mesmos líderes foram solicitados a responder se eles conheciam outro coletivo ou outros. Em caso de respostas positivas, eles deveriam dizer como conheceram, se mantêm conexão (articulação) com esse (s) coletivo (s) e o que conecta o seu coletivo ao (s) outro (s). As respostas transcritas e analisadas, geraram o quadro da Tabela 3.

Tabela 3
Características e estrutura das redes sociais de jovens dos coletivos

Coletivo	Localização	Lugar(es) de atuação	Conexão	Localização dos Grupos	Fatores da Conexão
Ruásia (100)	Plataforma	Plataforma Paripe	Herdeiros de Angola Projeto Sim Cutucar	Plataforma Paripe	IG; S; AAE
Herdeiros de Angola (45)	Plataforma	Plataforma	Os Encralacados Moveer Dancer Projeto Sim Mobunjá Coletivo	Plataforma	IG; S; AAE
Cutucar (33)	Paripe	Paripe Fazenda Coutos Plataforma	Incomode Os Encralacados A Rua	Fazenda Coutos Paripe Plataforma	IG; S; AAE
Projeto Sim (30)	Plataforma	Plataforma	Herdeiros de Angola	Plataforma	IG; S; AAE
Coletivo Incomode (23)	Paripe	Paripe Plataforma	Cutucar	Paripe	IG; S; AAE
Produtores do Subúrbio (15)	Alto do Cabrito	Alto do Cabrito	Sarau do Cabrito	Alto do Cabrito	IG; S
Sarau do Cabrito (12)	Alto do Cabrito	Alto do Cabrito	Produtores do Subúrbio	Alto do Cabrito	IG; S
Os Encralacados (10)	Plataforma	Paripe Fazenda Coutos	Coletivo Cutucar Mobunjá	Paripe Fazenda Coutos	IG; S; AAE
Grupo Esquadrão (5)	Plataforma	Plataforma	Moveer Dancer	Plataforma	IG; S
A Rua (3)	Plataforma	Periperi	Cutucar	Periperi	IG; S

Fonte: Pesquisa de campo (2020).

Legenda: IG (identidade de grupo); S (Solidariedade); AAE (Atividade de arte e educação).

Considerando as características e estrutura de redes sociais de coletivos de jovens, foi possível afirmar que os coletivos cujos líderes compuseram a primeira amostra, correspondem a 33,3% do total e abrigam 53,9% da população total, ou seja 276 jovens. Os dados também revelaram que, para além do seu local de origem, esses coletivos atuam em outros bairros do subúrbio, principalmente em Paripe e Plataforma. A partir

dessas características, foi possível inferir que esses coletivos se estruturam a partir dos atores sociais que formam grupos e subgrupos.

Complementando pela análise estrutural de redes sociais (Lago Júnior, 2005): identificação dos atores sociais (como um nó), ligações que conectam os pontos (atores), subgrupos de atores (posição hierárquica), localização, afinidade e perfil, os dados analisados e tratados no *software* (Figura 5).

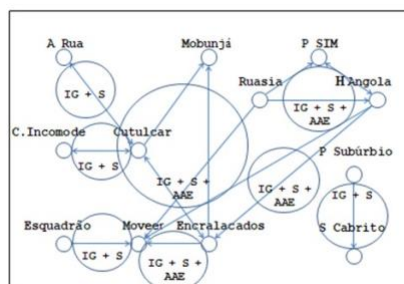


Figura 5. Estrutura de redes sociais dos coletivos de Jovens do SFS (da pesquisa, 2020).

Nesse arranjo estrutural foi identificado um grande grupo formado pelo Coletivo Cutucar (33), não pela sua densidade populacional, mas sim pela sua primeira posição hierárquica e pela capacidade de atrair e de se articular com outros grupos menores. Esse coletivo estabelece conexão com três subgrupos e formam uma segunda ordem hierárquica de maior para menor atração de conectividade: Os Encralacados (10), Incomode (23), Rua (03) e Mobunjá; sendo os três primeiros localizados em Plataforma e o último em Fazenda Coutos. Ainda é possível observar que, nessa mesma ordem hierárquica, se revelam os Coletivos: Ruasia (100), Herdeiros de Angola (45), Projeto Sim (30), Encralacados (10) e Moveer Dance todos localizados em Plataforma, onde existe um Centro Cultural que permite aos jovens o exercício de suas práticas socioeducativas. Encontramos, ainda, como grupos isolados e que se conectam entre si, como: Produtores do Subúrbio (15) e Sarau do Cabrito (12). Estes localizados no Bairro do Alto que se conectam entre si.

O Esquadrão (05), de Plataforma, por afinidade se conecta com o Moveer Dance. Vale salientar que nessa representação da estrutura de redes sociais, 11 (onze) coletivos apareceram, dois não foram entrevistados, apenas citados pela técnica da “bola de neve”. Considerando as ligações entre os atores, constatamos que no Coletivo Cutucar os seus 33 atores sociais estabelecem conexões com 36 outros ou mais, Herdeiros de Angola com 45 atores jovens que se conectam com 40 ou mais, do Projeto Sim e dos Encralacados.

Os resultados apontaram que dos 30 coletivos, 276 jovens (53,9% deles) se conectam entre si. Isso nos permitiu concordar com Lago Júnior (2005) sobre a quantidade de conexões existentes e o número de atores conectados, e afirmar que as redes sociais dos coletivos de jovens do subúrbio são extensas e densas em potencial. Isso significa que o fluxo e troca de informações são intensos nessas redes sociais. Segundo Pimentel (2019, p. 26) a “organização do contexto educacional incluirá nas suas propostas as capacidades básicas previstas para os indivíduos atuarem e se auto-organizarem em vários contextos e situações complexas”.



ELEMENTOS SIGNIFICATIVOS DA FORMAÇÃO DE REDES PARA PROMOÇÃO DE PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS NAS PERIFERIAS URBANAS

Os discursos carregados de significados sociossimbólicos e afetivos dos/das jovens, permitiram fazer emergir um conteúdo constituído traduzido em imagens que revelaram seus atos e suas conexões transversalizadas de saberes capazes de fortalecer identidades e orientar práticas socioeducativas nas periferias urbanas (Figura 6).

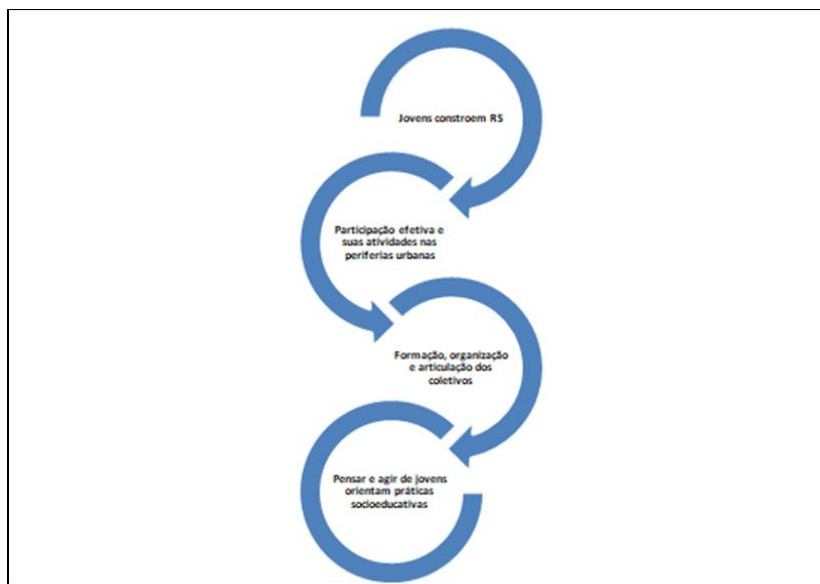


Figura 6. Representação de jovens sobre a formação de redes sociais e práticas socioeducativas nas periferias urbanas (elaboração dos autores, 2020).

Por conseguinte, essas práticas exercidas nos espaços de pertencimento podem contribuir com o fortalecimento de memórias e identidades locais. Como afirma Hall (2006), não podemos falar de identidade sem falar em alteridade. Significa dizer que o conteúdo e o processo de construção dessas representações revelaram a promoção das redes sociais que nos permitem entender, dentro do discurso, relações ambivalentes de conflitos e afetividade, identitárias e de pertencimentos.

Este conteúdo e processo colocam em relevo sua participação efetiva e suas atividades nas periferias urbanas que nos permitem entender como se articulam as relações entre os atores sociais e outras territorialidades. De forma mais clara, o processo de formação dos coletivos de jovens se estabelece e se amplia pela inquietação dos seus participantes em promover arte e educação capazes de visibilizar a si e sua comunidade.

Dialogando esses elementos com aqueles pensados por Barnes (1972) e Mitchel (1969), quando concebem rede como uma relação de vínculos interpessoais e conexão entre os papéis de cada ator. Também Elias (1994) chama atenção para o indivíduo no social e Colonomos (1995) quando define redes sociais como relações sociais integradas que se estabelecem entre os atores e um grupo de atores. Podemos afirmar que existe uma relação entre jovens e comunidade na perspectiva de entender o social, o todo, como processo. Isso significa dizer que esses jovens são membros da sociedade,

logo eles são parte dela e se inserem nos grupos sociais ligados entre si por laços sociais que se estabelecem dentro do princípio da ambivalência. Corroborando com as análises e resultados de Lago Júnior (2005) e Acioli (2007), particularmente pelas características e estrutura das redes sociais de jovens nos coletivos das periferias urbanas, podemos explicar as formas de organização e articulação destes coletivos e a promoção de suas práticas socioeducativas nos territórios de exclusão social. Ou seja, a partir de grupos centrais, existe uma extensa e uma densa conexão tecidas por imagens de fios e malhas que explicam o grande fluxo de informações e, conseqüentemente, a potencialidade dessas práticas. O que contraria as ideias de Loiola e Moura (1997), pois, para estes autores, os grupos centrais são a fonte geradora da rede social.

Foi feita a apreensão do seu conteúdo e compreensão do processo de construção de representações sociais, na análise da formação de redes sociais dos coletivos de jovens da periferia. Agora nos resta mostrar como a utilização desses elementos pode contribuir para avançar na construção do conceito de práticas socioeducativas

Contribuição do estudo para o avanço do conceito de Práticas socioeducativas nas periferias urbanas

Em geral, Bisinoto et al. (2015) afirmam que os marcos legais e políticos utilizam termos como “atendimento socioeducativo”, “ação socioeducativa”, “práticas de socioeducação”, “política socioeducativa”, entre outros. Nesse sentido, Branco (2006) sugere novas perspectivas de estudo para o avanço de elaborações teóricas e o desenvolvimento de práticas culturais e socioeducativas que venham a contribuir para as necessárias transformações sociais, muito especialmente o desenvolvimento de elaborações e práticas que tenham por objetivo a construção de uma cultura de paz.

É nessa perspectiva que esse estudo ganha relevância, pois existe pouca reflexão teórica sobre socioeducação e práticas educativas, tampouco aqueles que abordem a relação destas práticas com a formação de redes sociais de coletivos de jovens nas periferias urbanas. Com base nos resultados desse estudo, os jovens de periferias urbanas, por meio de suas representações sociais construídas orientam o mundo material, social e ideal de seus coletivos nas suas comunidades.

Os estudos de Bomfim (2004) se aproximam do nosso, quando têm demonstrado que os jovens constroem representações sociais e, por um lado, essas têm orientado a análise e interpretação do espaço geográfico. Por outro lado, elas têm permitido a esses jovens, como atores sociogeográficos, pensar e agir como ator social no espaço cotidiano. Considerando a temática educação, representações, jovens e espaços vividos, Santos (2017) busca o pensar e agir de jovens como forma de contribuir para orientação de práticas socioeducativas nas periferias urbanas.

Os resultados dessa pesquisa apontam para a participação efetiva de jovens, cuja organização e articulação dos coletivos lhes permitem pensar e agir voltados para o exercício de práticas socioeducativas. Essas práticas se apresentam em três dimensões: socioeducativa, atitudinal e funcional, e se articulam entre si e outros, constituindo-se em outras territorialidades (Figura 7).



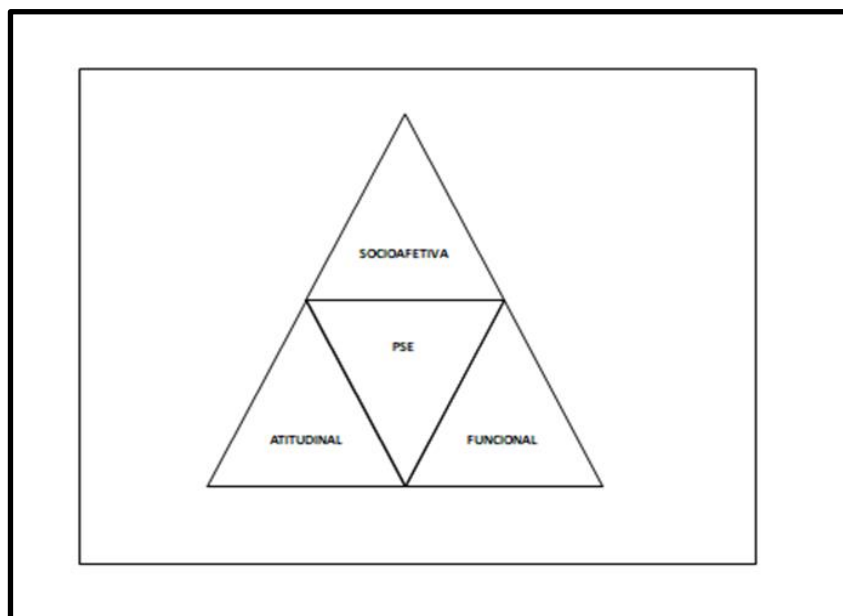


Figura 7. Dimensões das práticas socioeducativas (PSE) nas periferias urbanas (Santos, 2017).

Na socioafetiva, essas práticas são entendidas como aquelas que engendram e são engendradas por valores concebidos como crenças impregnadas de afeto e significação social e subjetiva. Neste sentido, os e as jovens são membros da sociedade, logo são parte dela e se inserem nos grupos sociais ligados entre si por laços sociais que se estabelecem dentro do princípio da ambivalência. Assim se organizam e se articulam em coletivos e em redes sociais para a promoção de suas práticas socioeducativas em espaços educativos não formais considerados espaços sociais.

Na dimensão atitudinal, podem ser conceituadas como atos de investimentos desses jovens, traduzidas como experiências formativas em arte e educação capazes de contribuir para a quebra de estigmas, com o fortalecimento de redes colaborativas e identitárias. Neste sentido, criam redes de significados sobre as coisas do mundo nas práticas cotidianas, que Gohn (2006) reforça, quando afirma que os processos de formação que fluem através dessas organizações difundem habilidades práticas que permitem aos sujeitos atuar na vida pública. Assim, a educação ganha destaque não tanto por seus aspectos na área do ensino formal, mas também não formal, ou seja, pelas aprendizagens geradas na experiência cotidiana. Essa participação se torna um importante dispositivo formativo na vida dos cidadãos.

Nesse conjunto se instaura a dimensão funcional, fornecendo informações significativas para a compreensão das articulações entre os valores construídos pelos jovens e suas práticas socioeducativas que se dão no contexto da família, da escola dentre outros espaços de formação. Logo, as experiências juvenis vão sendo submetidas às práticas exercidas nos coletivos que, embora não se assemelhem aos rituais escolares, ainda pretendem promover sobre estes um processo efetivo de socialização.

Portanto, avançamos para um conceito de práticas socioeducativas em periferias urbanas, como aquelas que são originárias do pensamento social, da objetivação, dos atores sociais que se revelam como imagens cognitivas e sociais, e se materializam em formas constitutivas de sua realidade socioespacial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de se fazer avançar o conhecimento teórico sobre redes sociais de jovens periféricos, esse estudo em contexto do Subúrbio Ferroviário de Salvador –Bahia, nos levou a investigar as estruturas e características dessas redes sob a base fundante da Teoria e Método das Representações Sociais e Teoria de Análise Social de Redes. Esta abordagem possibilitou compreender como os coletivos de jovens se conectam e se articulam para realizar suas ações sociais, educativas, culturais e políticas como marcadores importantes para o fortalecimento dos processos formativos e identitários desses atores e da comunidade local.

Pela análise processual, a partir dos elementos cognitivos e sociais da objetivação e ancoragem, foi possível perceber que os saberes construídos por esses jovens corroboram o pensamento de Jodelet (2001) e Moscovici (1978) quando afirmam que esses saberes designam um fenômeno de produção dinâmica, cotidiana e informal do conhecimento inerente à compreensão material e ideal desses coletivos. Para além disso, eles emergem desses coletivos pelas diferenças próprias das singularidades humanas de cada jovem, formando as pluralidades que expressam os seus modos de vida e são a base para suas condutas e suas ações educativas, traduzidas como práticas sociais.

Logo os resultados respondem às questões de pesquisa quando constatamos que são essas conexões que mantêm os lugares e seus grupos representativos como grupo de pertença, amalgamando assim o espírito de solidariedade de uma comunidade que vive num ambiente caracterizado por questões importantes e marcado pelo pragmatismo das atividades sociais e pela simbologia destes lugares. Também são nessas redes que os grupos desenvolvem práticas socioeducativas significativas para o processo formativo de seus participantes, bem como para a visibilidade e fortalecimento de suas identidades como bases fundantes para o desenvolvimento da Educação em Periferias Urbanas. Em síntese, o estudo da formação de redes de coletivos de jovens de periferias urbanas aporta para essa modalidade de educação um corpo de conhecimentos que nos permitiu, pelos saberes existentes nos campos da Psicologia e da Sociologia, explicar sua contribuição, nos planos: científico, socioeducativo e didático.

a) Plano científico

Com efeito, fornecem conhecimentos que podem ajudar os educadores sociais, os gestores e professores no seu esforço de compreender como os jovens se organizam, tanto nas redes sociais como o seu próprio pertencimento ao espaço social. Logo, apreender a relação entre a formação das redes sociais de jovens periferias urbanas e suas práticas socioeducativas é entender a ordem do perceptivo e do simbólico em três modos. O primeiro se refere ao modo de identificação dos coletivos e seus objetivos, por meio da interpretação das suas representações e práticas socioeducativas. A segunda diz respeito ao modo que eles estabelecem com os grupos e os lugares que convoca formas de relações sociais que estabeleçam um vínculo afetivo com seu espaço vivido. Por fim, esse conjunto permite identificar o terceiro modo, o da valorização de jovens e seu espaço social vivido, cujas formas de sociabilidade no espaço revelam os seus atos de investimentos.

b) Plano socioeducativo

Este estudo tem um significado socioeducativo porque, o fato de integrar as representações e redes sociais às práticas socioeducativas, envolve uma interação entre o conhecimento significativamente construído pelos jovens e o conhecimento



acadêmico. É provável que essa interação torne inteligíveis as definições e os conceitos teóricos desenvolvidos pelo conhecimento científico da área. Significa dizer que uma reflexão sobre a formação de redes é concebida pelos saberes de “senso comum” e pelas práticas socioeducativas em periferias urbanas enquanto responsáveis pelo processo formativo de jovens ativos e participativos. Portanto, recomenda-se que, nas tomadas de decisão, os pesquisadores, lideranças, educadores e professores reconheçam a necessidade de submeter à discussão sobre a Educação em Periferia Urbana, na qual as diferentes representações socioespaciais estão inscritas. Isso possibilitará o desenvolvimento de uma postura democrática que valorize o ponto de vista dos sujeitos considerados como atores sociogeográficos.

c) Plano didático

A relevância didática deste estudo passa, ainda, pela integração das formas de compreensão das práticas socioeducativas no ensino e na aprendizagem da Educação em Periferias urbanas que, quando possível, incluam conteúdos interdisciplinares da História, Geografia, Psicologia, Sociologia entre outros. Sugerimos: questões étnico-raciais, o homem no espaço, sua cultura, suas práticas e atividades cotidianas, localizações, qualidade de vida, relações entre os sujeitos e seus territórios, etc. Estes conteúdos justificam a necessidade de compreender melhor as representações e práticas sociais no/do espaço que evidenciam a subjetividade e o valor que os educandos atribuem aos lugares, possibilitando apreender alguns elementos da relação socioespacial.

Todos esses planos levam à dimensão política, tomando este conjunto de elementos simbólicos que revelaram imagens que identificam os jovens, seus atos e suas conexões transversalizadas de saberes capazes de fortalecer identidades e orientar práticas socioeducativas. Isso significa dizer que, por sua vez, os resultados desse estudo possam contribuir à melhoria das políticas públicas, por meio da produção de princípios-guia para juventudes em diversos espaços educativos das periferias urbanas.

No momento, o grande desafio que se apresenta é o de trabalhar a relação dessas práticas no espaço educativo não formal com aquelas desenvolvidas nas escolas de periferias urbanas. Por isso, a necessidade de avançar nas pesquisas que tratem dessa relação dialógica, valorizando a produção de sentidos, a reafirmação de que a educação não se realiza somente nas escolas, mas também como processos de formação do sujeito, troca de saberes e práticas educativas em diferentes espaços educativos. Para tal, a questão que se formula para os próximos estudos é: Qual a relação que se estabelece entre as práticas socioeducativas no espaço não formal e aquelas desenvolvidas nas escolas de periferias urbanas? Trata-se de uma reflexão para professores, gestores, especialistas em educação e um desafio para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- Abramo, H. W. (2005). Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In A. Peralva & M. P. Sposito (Orgs.), *Juventude e contemporaneidade* (pp. 73-90). Brasília: UNESCO, MEC, ANPED.



- Acioli, S. (2007). Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. *Informação & Informação*, 12(número especial), 1-12.
- Aderaldo, G., & Raposo, O. (2016). Deslocando fronteiras: notas sobre intervenções estéticas, economia cultural e mobilidade juvenil em áreas periféricas de São Paulo e Lisboa. *Horizontes antropológicos*, 22(45), 279-305.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barnes, J. A. (1972). *Social networks*. Cambridge: Module.
- Barnes, J. A. (1987). Redes sociais e processo político. In B. Feldeman-Bianco (Eds.), *Antropologia das sociedades contemporâneas métodos* (pp. 159-194). São Paulo: Global.
- Biernarcki, P., & Waldorf, D. (1981). Snowball sampling-problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological methods and research*, 10(2), 141-163.
- Bisinoto, C., Oliva, O., Arraes, J., Galli, C., Amorim, G., & Stemler, L. (2015). Socioeducação: origem, significado e implicações para o atendimento socioeducativo. *Psicologia em estudo*, 20(4, out./dez.), 575-585.
- Bomfim, N. R. (2004). Representações sociais do espaço e ensino/aprendizagem da geografia escolar: o caso dos alunos favelados de ilhéus-bahia. In *Anais do Fórum Mundial de Educação - educação no novo milênio* (pp. 1-13). Porto Alegre: fórum Mundial de Educação.
- Bomfim, N. R., & Santana, J. L. (2020). *Estudo da formação de redes de coletivos de jovens do subúrbio ferroviário de salvador/bahia: contribuições para a educação em periferias urbanas. notas técnicas*. UNEB, Salvador, Bahia.
- Branco, A. U. (2006). Crenças e práticas culturais: co-construção e ontogênese de valores sociais. *Pro-posições*, 17(2, mai./ago), 139-155.
- Callon, M., & Law, J. (1997). L'irruption des non-humains dans les sciences humaines: quelques leçons tirées de la sociologie des science et des techniques. In B. Reynaud (Dir.), *Les limites de la rationalité* (t. 2: Les figures du collectif, pp. 99-118). Paris: La Découverte.
- Campos, R., & Vaz, C. (2013). Rap e graffiti na Kova da Moura como mecanismos de reflexão identitária de jovens afrodescendentes. *Sociedade e Cultura*, 16(1), 129-141. Retirado de: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/28216>
- Colonomos, A. (1995). Emergence d'un objet et perspectives internacionalistes. In F. Charillon et al. (Orgs.), *Sociologie des réseaux transnationaux* (pp. 21-69). Paris: Editions L'Harmattan.
- Damico, J. (2013). Gestão da vida a partir do esporte e lazer em Grigny Centre – França. *Movimento - Revista de educação física da UFRGS*, 19(1, jan/mar), 11-31.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. (Tradução de A. G. Neto e C. P. Costa, vol. 1). Rio de Janeiro: Ed. 34 (originalmente publicado em 1980).
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Garrido, W. V. C. (2020). *Representações sociais sobre futuro na realidade de jovens: tessituras do imaginário nas práticas socioeducativas*. (Tese de Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Brasil.



- Gohn, M. G. (2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. ensaio: avaliação e políticas públicas. *Educação*, 14(50, jan./mar), 27-38.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro, 11ª Edição). Rio de Janeiro: DP&A.
- IBGE. (2010). *Censo demográfico: 2010: aglomerados subnormais: informações territoriais*. Brasília: IBGE.
- Jodelet, D. (2001). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Lago Júnior, M. W. do (2005). Redes sociais informais intraorganizacionais e os processos e mudanças organizacionais: estudo em um empresa de tecnologia de informação. Apresentado no VI Congresso Nacional de Excelência em Gestão, Energia, Inovação, Tecnologia e Complexidade para a Gestão Sustentável. Niterói, RJ, Brasil.
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. (Tradução de C. I. da Costa). Rio de Janeiro: Ed. 34 (originalmente publicado em 1991).
- Lefebvre, H. (2008). *A produção do espaço*. (tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins [do original: La production de l'espace. (4e éd.). Paris: Éditions Anthropos]. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Loiola, E., & Moura, S. (1997). Análise de redes: uma contribuição aos estudos organizacionais. T. Fisher (Org.), *Gestão contemporânea, cidades estratégias e organizações locais* (pp. 53-68). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Martins, F. A. S. (2017). *Vivendo e aprendendo a jogar: dimensões formativas de experiências participativas de ação coletiva e militância de jovens em uma ocupação urbana em belo horizonte*. (Tese de Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Martins, R. A. (2012). Representação e sentido de pertencimento dos *hip hoppers* em São Paulo e Lisboa. *Cadernos de arte e antropologia*, 2/2012, 71-86.
- Minayo, M. C de S. (2001). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In M. C de S. Minayo (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 9-30). Petrópolis: Vozes.
- Mitchel, J. C. (1969). *Social networks in urban situations: analyses of personal relationships in central african towns*. Manchester: Manchester University Press.
- Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse: son image et son public*. France: PUF.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (2015). *Representações sociais. investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Novaes, R. (2009). Juventude, exclusão e inclusão: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In M. V. Freitas & F. de C. Papa (Orgs.), *Políticas públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez.
- Pais, J. M. (2003). Máscaras, jovens e “escolas do diabo”. *Revista brasileira de educação*, 13(37), 13-37.

- Pimentel, G. S. R. (2019). O Brasil e o desafio da educação e dos educadores na agenda 2030 da ONU. *Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa*, 1(3, núm. esp.), 22-33.
- Pinheiro, L. R. (2020). Educação e agenciamentos em periferias urbanas: a produção de alternativas laborais entre jovens. *Educação em Revista*, 36, e205923, 1-20.
- Radcliffe-Brown, A. R. (1973). *Estrutura e função da sociedade primitiva*. Petropolis: Vozes.
- Raposo, O. (2015). Em busca de reconhecimento nas periferias urbanas. Uma breve comparação entre b-boys do Rio de Janeiro e rappers de Lisboa. *Revista TOM*, 27 (jul./dez.), 429- 458.
- Raposo, O., & Aderaldo, G. (2019). Políticas públicas e produção artístico-cultural entre jovens das periferias de Lisboa e São Paulo. *Etnográfica - Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, 23(1), 109-132.
- Raposo, O., & Varela, P. (2017). Faces do racismo nas periferias de Lisboa: Uma reflexão sobre a segregação e a violência policial na cova da moura. In Atas do IX Congresso Português de Sociologia. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia. Retirado em novembro de 2020 de: https://www.aps.pt/ix_congresso/docs/final/com0425.pdf
- Raposo, O., Alves, A. R., Varela, P., & Roldão, C. (2019). Negro drama. racismo, segregação e violência policial nas periferias de Lisboa. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 119(setembro), 5-28.
- Rajo, R., & Moura, E. (2012). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola.
- Santana, J. L. (2020). *Estudo da formação de redes de coletivos de jovens do subúrbio ferroviário de Salvador-Bahia: Contribuições às práticas socioeducativas em periferias urbanas*. (tese em andamento - Doutorado em Educação e Contemporaneidade). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Brasil.
- Santos, T. S. (2017). Representações sociais e espaços vividos: Uma abordagem sobre subjetividade e atividades socioeducativas em projetos sociais. In N. R. Bomfim & S. L. C. P. Correia (Orgs.), *Representações, educação e interdisciplinaridade: abordagens teórico-práticas na interface entre identidades, territorialidades e tecnologias* (pp. 26-54). Curitiba-PR: Editora CRF.
- Silva, K., Correia, M., & Malheiros, J. (2020). Viajando por periferias diversas e criativas de Lisboa. Os bairros da Cova da Moura e do Talude. *Revista Periferias*, 3. Retirado de: <https://revistaperiferias.org/materia/viajando-por-periferias-diversas-e-criativas-de-lisboa/>
- Silva, T. (2016). *Monitoramento e pesquisa e mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações*. Retirado em dezembro de 2020 de: https://www.researchgate.net/figure/figura-3-os-diferentes-niveis-da-arquitetura-de-informacoes-do-facebook-a-figura-3-esta_fig4_314291553/download
- Sposito, M. P., Almeida, E. de; & Corrochano, M. C. (2020). Jovens em movimento: mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas [dossiê: movimentos sociais e transformações do ativismo contemporâneo]. *Educação & Sociedade*, 41, e228732, 1-20.



- Varela, P., Raposo, O., & Ferro, L. (2020). Redes de sociabilidade, identidades e trocas geracionais da “cova da música” ao circuito musical africano da Amadora. *Revista Sociologia, Problemas e Práticas*, 86, 109-132. 2018. DOI: 10.7458/spp2018867447
- Veyne, P. (1982). Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história. (Tradução de A. Dutra & M. A. Kneipp). Brasília: Editora da UNB (originalmente publicado em 1971).

*

Received: June 28, 2021

Revisions required: October 8, 2021

Accepted: October 25, 2021

Published online: October 29, 2021

APÊNDICE

ENTREVISTA

Objetivos específicos:

Questões

1. Qual o nome do coletivo? (M)
2. Nome do/s representantes? (M)
3. Quando e como o coletivo se formou? (M)
4. Localização e lugares que atua? (M)
5. Quantas pessoas atuam no coletivo? (M)
6. Qual/is a/s ações/práticas socioeducativa/s que o coletivo desenvolve/m? e Onde? (PLPSE)
7. Qual a o objetivo/finalidade dessa/s ações/práticas? (FPSE)
8. Como elas são desenvolvidas? (FDPSE)
9. Conhece outro/s coletivo/s? Se sim, como conheceu? (OFR)
10. Mantém conexão (articulação) com esse/s coletivo/s? Se sim, o que conecta o seu coletivo ao/ s outro/s? (FCR)

Obrigado!

